

BRASIL: A SELEÇÃO É A PÁTRIA EM CHUTEIRAS

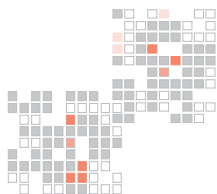
BRASIL: LA SELECCIÓN ES LA PATRIA EM TACOS

BRAZIL: THE TEAM IS THE HOMELAND IN CLEATS

Emanoel Francisco Pinto Barreto

■ Graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela UFRN (1980), mestre em Ciências Sociais pela UFRN (2004), doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Atualmente é professor Adjunto I da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: realidade social, jornalismo impresso, cultura.

■ E-mail: e.barreto@ufrnet.br.



RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o processo de construção/positivação da imagem da Copa do Mundo de 2014 junto ao imaginário brasileiro, tomando como ponto de partida a centralidade social do futebol e daquele certame junto à cultura nacional. Abordaremos o contraste entre a realidade festiva da Seleção Brasileira, os enormes dispêndios com a construção de estádios e o *consenso passivo* em torno do evento. Tomamos como pista heurística – e referente metafórico – a obra de George Orwell 1984 para nos debruçarmos sobre a dionisíaca futebolística e seu gesto de compensar, no rito do jogo, os efeitos históricos do Brasil real sobre os sujeitos assujeitados a esse consenso.

PALAVRAS-CHAVE: SELEÇÃO BRASILEIRA; FUTEBOL; COPA DO MUNDO; BRASIL.

RESUMEN

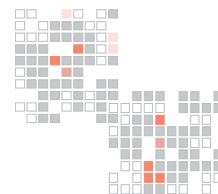
Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de construcción de la imagen/positivación de la Copa del Mundo de 2014 con la imaginación de Brasil, teniendo como punto de partida la importancia social del fútbol y el caso de que con la cultura nacional. Vamos a discutir el contraste entre la realidad de la fiesta de Brasil, el gasto enorme en la construcción de estadios y consentimiento pasivo de todo el evento. Tomamos como referencia heurística - y referente metafórico - la obra de George Orwell 1984 para estudiar el fútbol dionisiaco y su gesto para compensar, en el rito del juego real, los efectos históricos de Brasil, sobre sujetos carentes de este consenso.

PALABRAS CLAVES: SELECCIÓN BRASILEÑA; FÚTBOL; LA COPA DEL MUNDO; BRASIL.

ABSTRACT

This article aims to analyze the process of construction/positivation image of the 2014 World Cup with the Brazilian imagination, taking as its starting point the social centrality of football and that event with the national culture. We will discuss the contrast between the reality of the Brazilian festival, the huge expenditure on construction of stadiums and passive consent around the event. We take as a cue heuristics - and metaphorical referent - the work of George Orwell in 1984 to look into the Dionysian football and his gesture to compensate, in the rite of the game, Brazil's real historical effects on subjects devoid of this consensus.

KEYWORDS: BRAZILIAN NATIONAL TEAM; SOCCER; WORLD CUP; BRAZIL.



1. Introdução

“A Seleção é a pátria em calções e chuteiras [...]” (Rodrigues, 1994, p. 179). Com este pronunciamento o jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues produziu bem mais que uma frase de efeito. Abaixo do verniz retórico do dito, na matriz profunda do enunciado, encontramos uma dimensão também bastante forte: se o futebol no Brasil tem a haver com pátria, futebol no Brasil é fato político; é virtualmente partido único a encampar via Seleção o imaginário nacional. A assertiva rodriguiana assumiu, com o passar do tempo, foros de verdade – verdade inusitada e ratificada pelo jornalismo quando o assunto é futebol. Essa construção jornalístico-social, o esporte como fator midiático de união e elemento-liga que estabelece e fixa uma forma de sentimento de pertença da nacionalidade pode ser verificada especialmente agora, quando o país co-vive o período pré-Copa de 2014.

Desta forma, tal sentimento perpassa a imprensa brasileira em relação à Copa. Na essência desse pronunciamento pode-se vislumbrar o jornalismo como ação de intelectuais orgânicos ao capital segundo a compreensão gramsciana. A ideologia vivida é instrumentalizada pelo jornalismo e repassada ao social na busca de produzir *forma mentis* receptiva à mensagem daquele advinda. O jornal/jornalismo liberal atua a partir da condição de integrante da sociedade civil, entendida como espaço de debate e conflitos ideológicos no qual se busca manter prevacente o ideário hegemônico. Como será percebido adiante, o discurso racionalista, que justifica a realização do certame, advém das elites e passa a ser replicado pelo jornalismo. Estádios são erguidos, anunciam-se obras de mobilidade urbana e se propala o “legado da Copa” como herança futura.

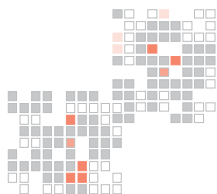
[A construção de um estádio] “É o primeiro gol da Copa de 2014, numa união dos governos federal, estadual e municipal, a sociedade civil e as torcidas. [A declaração é de Geraldo Alckmin]

governador de São Paulo, que admite pagar R\$ 50 milhões para que o [estádio] Itaquerão possa abrir a Copa; quando era candidato, havia dito que não havia sentido em colocar dinheiro público em estádios (Folha de S. Paulo, 2011c).

Essa temporalidade social, estabelecida a partir do longo consenso histórico da agenda pública, ganha agendamento midiático e tem alicerce no senso comum que dá legitimidade ao futebol como cimento espetacular da nacionalidade. “O jornalismo não cria o tempo presente, mas atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social (Franciscato, 2005, p. 20). Integrado ao senso comum, do qual tira as experiências e fatos que enuncia, o jornalismo, quando redigido “com vivacidade, com um certo distanciamento (de modo a não assumir tons de pregador), mas com cordial interesse pela opinião média” tem capacidade de influenciar e reforçar situações preexistentes (Gramsci, 1999, p. 208). O excerto abaixo é claro ao enfatizar termos caros ao senso comum como “investimento”, “projeto”, “obras” e altos valores monetários. Circunstâncias indiciais do que se entende como “progresso”:

A presidente Dilma Rousseff anunciará nos próximos dias investimentos de cerca de R\$ 5 bilhões em metrô. É o maior valor já investido pelo governo federal nesse tipo de transporte. Projetos em quatro cidades (Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre e Curitiba) já estão confirmados. O Rio de Janeiro ainda tenta recursos. Os projetos já aprovados somam 80,8 km de metrô e têm previsão de obras com duração de três a quatro anos. Eles teriam custo total estimado em cerca de R\$ 10 bilhões (Nery; Amora, 2011).

A notícia saiu sob o título “Dilma prevê investimento de R\$ 5 bi em obra do metrô”, na *Folha de S. Paulo*. Percebe-se no discurso a racionalização adequada ao tempo. Encontramos a presença do



Poder como instância capaz de gerar prioridades, escolher, estabelecer destinos e destinações, mediante a fixação dos contornos imediatos da história para fins especificados como prioritários. Tudo isso em função de que

A apropriação do tempo e a produção do homem pelo trabalho humano se desenvolvem em uma sociedade dividida em classes. O poder que se constituiu acima da penúria da sociedade do tempo cíclico, a classe que organiza esse trabalho social e se apropria da limitada mais-valia desse trabalho apropria-se também da mais-valia temporal de sua organização do tempo social: ela possui só para si o tempo irreversível do ser vivo (Debord, 2005, p. 89).

Desta forma, o anúncio da Copa justifica-a como gesto de política pública ou pelo menos a isso assemelhada para os fins práticos de aplicação dos recursos. O pronunciamento oficial engloba presuntivamente, por efeito dos enunciados jornalísticos, o pronunciamento social que com isso assume aspecto de projeto nacional. Ademais, pronunciamento e enunciado jornalístico moldam-se um ao outro, vez que o referente, ao gerar a referência, ganha foro de verdade e naquela “objetivamente” se valida; então, por isso mesmo, a torna válida como representação e uma coisa justifica a outra como dados intercambiáveis. Consequentemente se instaura, pela primazia técnica, a verdade do que se disse, surge um “álibi profissional” e “o jornalismo passa a ser valorizado como disciplina operativa, a serviço de um fazer” (Pereira Júnior, 2006, p. 15).

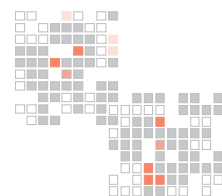
2. “Eu não sou um vira-lata”

Condição essencial do esporte, a espetaculosidade é parte do pronunciamento político que vê na monumentalidade da empreitada a necessidade do projeto: se é grande deve ser feito. O futebol, como cimento identitário, tem ação funcional na

troca de sentidos entre as elites e o ser coletivo povo. Com isso se apassiva uma relação complexa, cujas divergências históricas são midiaticamente ocultadas. É da ação continuada do jornalismo como processo orgânico ao capital que resulta tal situação. Tal quadro, como é marca dos processos ideológicos, não se explicita; ao invés é vivido e na sua experiencição se naturaliza, uma vez que o discurso oficial, como manifestação de racionalidade, parece confirmar o que é dito: o Brasil precisa ter sua Copa em 2014.

A assertiva de que o leitor deve ser considerado sob dois aspectos, elemento ideológico transformável e elemento econômico, incentivando outros a adquirir a publicação (Gramsci, 1999, p. 246), refere também o jornalismo liberal, mesmo que com propósitos inversos aos do pensador sardo. E nessa ação orgânica o jornalismo liberal promove, mesmo que em noticiário tido como objetivo, os enunciados que vão ao encontro da ordem estabelecida e do senso comum, reforçando seus padrões e valores. Ou seja: como a relação entre emissor e receptor não depende das mensagens, mas de predisposições e receptividades da audiência, as quais podem ser mais facilmente reforçadas (Rüdiger, 2002, p. 56), e no senso comum do brasileiro o futebol cristalizou-se como patrimônio nacional imaterial, foi grandemente facilitada a anunciação da Copa como algo imprescindível.

O noticiário emulou a atmosfera social, mesmo com as obras dos estádios em atraso. “Com gastos estimados em R\$ 23 bilhões, a Copa do Mundo no Brasil ainda não saiu do papel [...] Das 12 cidades-sede, metade já extrapolou os gastos [...] o sobrepreço chega a mais de R\$ 1 bilhão” (Coutinho, 2011). Isso, porém, é sugerido como desafio à sociedade, não inépcia de quem dirige o processo. Desafio como incitamento a alguém para que faça algo, processo de superação. Sob tal aspecto de superação, episódio marcante deu-se em 1958, quando o Brasil ganhou sua primeira Copa:



Nelson Rodrigues diz que foi aí [...] que pela primeira vez o brasileiro se sentiu desagravado de velhas fomes e santas humilhações. No rosto dos que andavam pela rua depois de 29 de junho de 1958, Nelson lia o desabafo furibundo: – Eu não sou um vira-lata! (Santos, 1998, p. 13).

Resgatar esse passado, especialmente seu *espírito pós-vira-lata*, foi tornado importante. É necessário reeditar e reescrever o passado como fazia o Partido do Grande Irmão na obra *1984*, adequando o passado às necessidades do presente. É preciso a atualização orwelliana do “então” de 58 até o “agora” com todas as suas urgências: de um jeito ou de outro a Copa tem de sair. Trata-se, como em Gramsci, da constatação de como funcionam as empresas jornalísticas: sua atuação como aparelhos privados de hegemonia que por vezes se assemelham a partidos políticos (Fonseca, 2005, p. 43). Isso solidifica o consenso em torno do futebol como fomento da nacionalidade, solvente do dissenso histórico das classes.

3. O duplipensar como solução ética

O feito de 58 sinalizou ao mundo, mas sinalizou especialmente ao brasileiro, que o esporte se transformara em licença social, rampa ascensional a quem tivesse talento: o imaginário nacional diz que jogador de futebol não é visto como *trabalhador*, mas *craque*; não tem *patrão*, tem *clube*; não cumpre jornada de trabalho, *atua*. A preparação do torneio de 2014 reativa aquele passado de 1958, dá ânimo e confere necessidade à festa: que seja realizada, mesmo que a custos muito altos. No registro abaixo temos exemplo da dinâmica do jornalismo, que agindo como aparelho privado de hegemonia de classe fundamental sobre outras, faz a crítica de aspectos negativos do evento ocultando os interesses daquela classe e assumindo presuntiva objetividade:

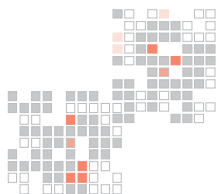
A Copa do Mundo da iniciativa privada ruiu. Um estudo do TCU (Tribunal de Contas da União) mostra que sairão dos cofres públicos

98,56% dos R\$ 23 bilhões orçados para as obras de 2014. Isso menos de dois anos após o presidente do COL (Comitê Organizador Local), Ricardo Teixeira, declarar que a maioria dos gastos do próximo Mundial seria bancada com dinheiro privado. A maior parte das verbas virá dos bancos governamentais (Caixa Econômica Federal e BNDES) e da Infraero, estatal que administra os aeroportos do país. Juntas, as três empresas públicas investirão cerca de R\$ 16,5 bilhões até a abertura da Copa (Rangel, 2011).

A atitude, eminentemente ideológica, enquadra-se à compreensão da ideologia enquanto “capacidade de universalização de interesses e visão de mundo particularistas, o que pressupõe fundamentalmente um contínuo e sinuoso processo de ocultação da realidade (Fonseca, 2005, p. 36). Consequentemente, para levar adiante o empreendimento relega-se ao esquecimento o confronto entre a festividade do futebol e o dado trágico do país; o discurso oficial assume ares orwellianos e magnifica o *real* da Copa ante outros *reais*. A substituição de um real por outro, como se fora em Orwell, é a base desse sistema de pensamento. Temos aqui, numa face, o real das ruas:

[...] análise do Censo do IBGE, mostra que, apesar de quase R\$ 3 bilhões investidos pelo governo federal na alfabetização de adultos, uma vez completados 20 anos de idade, foram poucos os analfabetos que aprenderam a ler e escrever entre 2000 e 2010 (Costa, 2011).

O fragmento mencionado, as implicações decorrentes da inversão de capitais públicos em programa de governo que resultou em esforço inválido, são um dado da circunstância Brasil: o Brasil dos analfabetos teve **R\$ 3 bilhões ao longo de dez anos**. Quanto ao Brasil da Copa, a *Folha de S. Paulo* registra: “Obras da Copa aumentam **R\$ 2,7 bilhões em 8 meses**”. Apesar disso, este Brasil



Desse contrassenso, dessa situação de o Estado colocar-se a serviço do privado, desse desapego do indivíduo à condição de sujeito, resultaram fatos que sagraram o futebol.

prevalece sobre aquele e as despesas são legitimadas apesar de todo o paradoxo. Detalha a matéria:

As obras da Copa-2014 tiveram um aumento de custo de R\$ 2,7 bilhões desde janeiro. Estudo da consultoria legislativa do Senado comparou os orçamentos previstos para estádios, obras de mobilidade, portos e aeroportos no começo do ano com o último balanço do governo federal, publicado na semana passada. Em janeiro, os projetos estavam avaliados em R\$ 23,8 bilhões, e agora essas mesmas obras têm o custo previsto de R\$ 26,5 bi. Proporcionalmente, a maior variação está nos portos, que cresceram 21%. Em valores absolutos, as obras de mobilidade urbana foram as que mais cresceram: R\$ 1,2 bi – ou 10%. Atualmente, os projetos de mobilidade estão avaliados em R\$ 16 bi (Coutinho; Falcão, 2011).

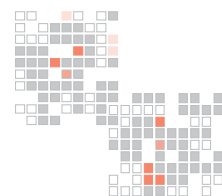
Para viver esse orwelianismo, trabalhar realidades antitéticas, é como se as elites se valessem do recurso do *duplipensar* encontrado nas páginas de 1984, ou seja: o *duplipensar* como elaborada forma de pensamento, que permitia todas as licenças desde que os fins fossem alcançados e isentavam-se de culpa íntima seus praticantes fossem quais fossem as consequências:

Duplipensar quer dizer a capacidade de guardar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias, e aceitá-las ambas. O intelectual do Partido sabe em que direção suas lembranças devem ser alteradas; portanto, sabe que está aplicando um truque na realidade: mas, pelo exercício do duplipensar, ele se convence também de que a realidade não está sendo violada.

O processo tem de ser consciente, ou não seria realizado com precisão suficiente, mas também deve ser inconsciente, ou provocaria uma sensação de falsidade, e, portanto, culpa (Orwell, 1975, p. 200).

Por outra: o *duplipensar* aqui metaforicamente proposto insere-se na ética da convicção weberiana, quando os atores agem unicamente em função daquilo a que se propõem, sem levar em conta as consequências (Weber, 1998, p. 113). A realização da Copa, desta forma, está completamente legitimada e sem culpa. Os vultosos dispêndios foram transformados numa necessidade proposta e aceita; proposta por poucos e aceita por muitos. Para tanto, esse virtual *duplipensar* permite que o particular seja tornado interesse geral e o privado vire coisa pública; o que foi proposto, por efeito disso, somente o foi porque o proposto não fora proposto, mas já estava aceito previamente e somente fora “atendido”. Esse hífen entre proposta das elites e aceitação popular aplaina discrepâncias e aproxima o par antitético.

A cultura política sacraliza tudo: no Brasil, desde sua origem distante, o processo social de aceitação do liberalismo democrático não se naturalizou com a separação entre público e privado, somente sendo acatado nos termos em que houve coincidência de interesses entre aquele e a realidade dos mandantes, suas prioridades e desejos. “A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido” (Holanda, 2002, p. 160). Desse contrassenso, dessa situação de o Estado colocar-se a serviço do privado, desse desapego do indivíduo à condição de sujeito, resultaram fatos que sagraram o futebol – notadamente o futebol praticado durante a Copa do Mundo –,



como a manifestação *mater* daquele patriotismo de chuteiras, fato político com regras *sui generis*. Como ocorreu na Copa de 1970, quando do tri-campeonato assim louvado:

*Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil, no meu coração
Todos juntos, vamos pra frente Brasil
Salve a seleção
De repente é aquela corrente pra frente,
parece que todo o Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção, tudo é
um só coração
Todos juntos vamos, pra frente Brasil
Salve a seleção*
(Martins, 2011).

A composição de Miguel Gustavo Werneck de Souza Martins empalmava o discurso das elites consubstanciadas à ditadura iniciada em 1964. Havia na letra toda a exaltação do homem cordial buarquiano, só que aqui sob o efeito dionisíaco do futebol. Cordialidade no sentido das “expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (Holanda, 2002, p. 147). E cordialidade também na contraface patrimonialista, onde se encontram os que não estabelecem fronteiras rígidas entre público e privado e administram a *res publica* como coisa de propriedade sua, tornando jurídicas, e portanto *legais* até mesmo pela flexibilização das leis, as relações entre o interesse privado e o Estado:

O governo fechou o texto da proposta para flexibilizar as licitações dos aeroportos da Copa-2014 e de todos os projetos da Olimpíada Rio-2016, com brechas que permitem estouro do orçamento inicial e obras sem licitação. [...]. Segundo o texto, não serão feitas licitações quando “for necessária a preservação da segurança da sociedade e do Estado”. O documento, porém, não dá detalhes de como isso deverá ser feito - prevendo

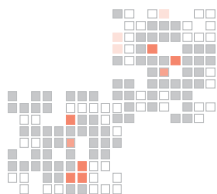
só justificativas de responsáveis pelo projeto (Seabra; Coutinho, 2011).

Percebemos, analisando o excerto acima, que “a notícia, ou melhor dizendo, a ideologia da notícia, é o elemento central do modelo do sistema de comunicação de massas liberal. [...] a produção da notícia define uma determinada aproximação da realidade” (Alsina, 2010, p. 295). O dado ideológico que registramos diz respeito à angulação do fato: o jornal “aproxima-se da realidade” relativa ao detalhe da flexibilização – e o ressalta criticamente com o uso de aspas –, relegando a segundo plano a forma como a realidade maior, a realização da Copa, fora construída, seus pressupostos e mecanismos ideológicos de validação.

4. Seguindo os “estrangeiros”

As 12 cidades-sede da Copa – Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília (DF), Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Recife e Salvador – têm problemas que vão desde violência urbana e hospitais inoperantes, ou quase isso, à rede educacional pública de má qualidade; da pobreza extrema no Nordeste e Norte às falhas no combate a endemias; da baixa remuneração de professores ao crescimento do consumo de drogas como o *crack*. Enquanto isso sai no jornal: “O governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz (PT), está na China [...] em busca de uma utilidade para o estádio de futebol de 70 mil lugares e R\$ 671 milhões que será erguido em Brasília para partidas da Copa de 2014” (Brito, 2011). Outra questão mostra até que ponto o público é colonizado pelo privado, com intervenção no plano jurídico: determinação que disciplina o pagamento de meia-entrada a estudantes e idosos incomoda à Fifa.

Após o prefeito do Rio, Eduardo Paes (PMDB), ter proposto [...] que os custos do desconto das meias-entradas nos jogos da Copa sejam bancados por Estados, municípios e União, o governa-



dor do DF, Agnelo Queiroz (PT), disse [...] ser contra a Fifa arcar com esse ônus. “Cabe a cada região se adaptar ao compromisso internacional que o Brasil assumiu” (Folha de S. Paulo, 2011a).

A inexistência de processo mais evidente de sociedade civil acompanhando o processo pré-Copa, o indiferentismo com que se vê o predomínio do privado sobre o público pode ser assim observado:

Relator na Câmara da Lei Geral da Copa, o deputado Vicente Cândido (PT-SP) diz que vai trabalhar para liberar bebidas alcoólicas nos estádios não só durante o Mundial, mas em todos os jogos. [...] o assunto não pode ser tratado como se fosse “um congresso de freiras ou de pastores” (Cabral, 2011).

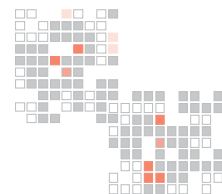
A questão legal e suas tratativas revelam, pelo fato mesmo como decorrem, aspecto fundamental no relacionamento entre os atores concernidos: trata-se de processo de imposição vindo de fora para dentro, tendo como respaldo a ansiedade social de o Brasil ter a sua Copa do Mundo. Mais que isso, a prática é reveladora de processo de hegemonia da instituição internacional, cujos dirigentes atuam de maneira empresarial para assegurar quadro que lhes garanta retorno ao investimento. A presença da ideologia, sutil, disciplina o relacionamento do Estado brasileiro com a Fifa: de fundo chega a ideia de ser esta instituição “de fora”, segundo compreensão imbricada ao imaginário nacional. Segundo essa compreensão uma entidade estrangeira, toda ela, é organizada, funcional, programática, disciplinada, hierarquizada e, acima de tudo, *séria*. Exatamente o oposto de tudo o que a cultura nacional consagrou como seu padrão e parâmetro social.

O imaginário brasileiro, ao mesmo tempo em que consagra a esperteza como forma de agir, o improvisado como uma espécie de práxis, parece perceber difusamente, no contraponto de tudo isso, que os outros povos – os *estrangeiros* –, cul-

tuam regras bem próprias de agir: no respeito às leis, no trabalho, na parcimônia, no racionalismo, na perseverança. Então, quando chega o momento da interação entre o nós nacional e o *outro*, o de fora, dá-se o processo de subsunção à hegemonia daquele, suas práticas, sua pragmática. Nessa troca de sentidos, com imposição de um discurso ao outro – mais que isso, pois o discurso não é algo em si, mas manifestação fenomênico-comportamental de um estado preexistente no sujeito –, ocorre a *débâcle*: o coletivo nacional supõe que nessa convivência ou se ajusta ou será posto fora. É preciso até mesmo transformar institutos jurídicos, como já visto, em objeto de acordo: tal prática se deu também em torno do consumo de álcool ou de outros produtos nos estádios: “A Fifa terá que negociar com as 12 sedes da Copa-2014 leis específicas para conseguir que estabelecimentos no entorno das arenas só comercializem produtos licenciados pela organização” (Folha de S. Paulo, 2011b).

A ideologia torna ao olhar brasileiro ser justificável, ter cabimento, as exigências adventícias. Afinal, isso é parte da *organização*, da *programação*, do sistema de metas e objetivos de entidade internacional, substitutivo válido do *jeitinho* nacional. Por outra parte, o anúncio do “desleixo brasileiro”, de sua falta de compromisso com algo a que ele mesmo se comprometeu, parece confirmar isso: em artigo na *Folha de S. Paulo* o senador Aécio Neves (PSDB) dizia que “a exatos mil dias para que a bola comece a rolar na abertura da Copa no Brasil”, aquilo que deveria ser motivo de comemoração num país que vive o futebol “infelizmente serve também para confirmar, de forma dramática, a instalação da política do improvisado na administração pública brasileira”, para em seguida acentuar: “Estamos atrasadíssimos e caminhando a passos lentos em direção a um calendário inexorável, apesar de o Brasil ter sido escolhido como sede da Copa em outubro de 2007” (Neves, 2011).

Percebe-se no subtexto a admissão de que se trata de sociedade historicamente desorganiza-



da. Desta forma, as relações com a Fifa são fetichizadas, como que ganham vida, tornam-se ente protagonista e modelar à superação do desleixo. O reverso de tal situação, por decorrência do contrato com tal ente, ganha outro olhar no discurso oficial, como veremos logo abaixo; não por força do sujeito Brasil, mas por obra do predicado Fifa. Aquele é vazio de sentido, pois amorfo em organização e proatividade; esta é modelo e matriz em que o país deve se espelhar. Na *Folha de S. Paulo* então ministro dos Esportes, Orlando Silva, garantia: “Faremos a melhor Copa da história”.

A Copa do Mundo da Fifa 2014 é muito mais que a disputa de 64 partidas de futebol por seleções de 32 países. É um evento que produz oportunidades e que serve como catalisador para o desenvolvimento de quem a realiza. A Copa é excelente plataforma para a promoção de nosso país em âmbito global. [...] A Copa é compromisso de governos. As garantias governamentais oferecidas pelo país à Fifa têm sido cumpridas, inclusive com ajustes na legislação nacional. [...] A Copa estimula a melhoria do transporte coletivo nas nossas principais cidades. São 54 projetos para aperfeiçoar a mobilidade urbana. Aqui, o desafio do cronograma é urgente, pois 70% das obras começam neste ano [...] Os governos locais escolheram as arenas e o BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social] ofereceu uma linha de crédito para atender aos padrões da Fifa. [...] Os preparativos para a organização do mundial de futebol aumentam o ritmo a cada dia. Trabalhamos para organizar a melhor Copa da história, um evento que deixe um legado que orgulhe os brasileiros. O país pode confiar (Silva, 2011).

Fica enunciada uma pretensa busca pelo ajuste, suposto intento de adequação, mesmo admitin-

do-se que são 54 projetos e que 70% das obras começaram em meio a clima de última hora. O anúncio dos números sugere que há urgência em sua consecução. O discurso é justificador da empreitada, percebendo-se que a intenção é dar a esse pronunciamento condição de validade racional em função da grandiosidade das obras, ficando como propósito o registro de que, com a sua realização, a Copa comprovaria a capacidade de o brasileiro se qualificar globalmente ao olhar estrangeiro.

Trata-se de troca de sentidos num intercâmbio assimétrico de valores. Segundo tal quadro o pronunciamento vindo de fora agenda e pauta a resposta àquele pronunciamento, levando o ato responsivo à subsunção uma vez admitida a racionalidade do falar que o condicionou. Trata-se, entendemos, de processo em que o brasileiro fica sempre como ouvinte, ator comissivo por omissão, levado a “assentimento *racionalmente*¹ motivado. [Pois] os agentes que agem de forma orientada ao sucesso só podem coordenar seus planos de maneira a que um aceite a *seriedade*² das intenções ou das solicitações do outro (como também a *verdade*³ das opiniões aí implicadas)” (Habermas, 2004, p. 118-119). E a Copa estabelece, a partir do discurso adventício naturalizado via imprensa que os estádios monumentais são a confirmação materializada de uma verdade que era, até então, pronunciamento. E em processo metadiscursivo os próprios estádios se tornam ilocucionários, uma vez que realizam a ação de estarem presentes retroalimentando no senso comum a necessidade do evento.

1 Itálico nosso.

2 Itálico no original.

3 Itálico no original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALSINA, Rodrigo Miquel. *A Construção da Notícia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRITO, Daniel. *Distrito Federal vai à China por evento de R\$ 1 bilhão*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/958554-distrito-federal-vai-a-china-por-evento-de-r-1-bilhao.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2011.
- CABRAL, Maria Clara. *Deputado quer volta do álcool às arenas*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0810201114.htm>>. Acesso em: 08 out. 2011.
- COSTA, Fernando Nogueira da. *Analfabetismo no Brasil*. Disponível em: <<http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2011/05/24/analfabetismo-no-brasil/>>. Acesso em: 15 set. 2011.
- COUTINHO, C. N.; TEIXEIRA, A. de P. (Org.). *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COUTINHO, Filipe. *TCU aponta erros e diz que Copa pode repetir fracassos do Pan*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/874155-tcu-aponta-erros-e-diz-que-copa-pode-repetir-fracassos-do-pan.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2011.
- COUTINHO, Filipe; FALCÃO, Márcio. *Obras da Copa aumentam R\$ 2,7 bilhões em 8 meses*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/978365-obras-da-copa-aumentam-r-27-bilhoes-em-8-meses.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2011.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- FOLHA DE S. PAULO. *Fifa ganha apoio do DF sobre meias entradas*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0810201115.htm>>. Acesso em: 08 out. 2011a.
- FOLHA DE S. PAULO. *Fifa terá de negociar com sedes para proteger produtos no Brasil*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3004201108.htm>>. Acesso em: 07 out. 2011b.
- FOLHA DE S. PAULO. *O que eles disseram*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/corrida/cr2407201101.htm>>. Acesso em: 05 out. 2011c.
- FONSECA, Francisco. *O Consenso Forjado: a grande imprensa e a formação da Agenda Ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: EdUFS. Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: os intelectuais e o princípio educativo, jornalismo*. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *Verdade e justificação: ensaios filosóficos*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- MARCHIORI, Rafael. *Torcedor do Vitória marca o primeiro gol da futura arena*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0810201116.htm>>. Acesso em: 8 out. 2011.
- MARTINS, Miguel Gustavo Werneck de Souza. *Pra frente Brasil*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/os-incriveis/prafrente-brasil.html#ixzz1aC7hGbsK>>. Acesso em: 8 de out. 2011.
- NERY, Natuza; AMORA, DIMMI. *Dilma prevê investimento de R\$ 5 bi em obra do metrô: Presidente anunciará nos próximos dias recursos para quatro capitais*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1609201122.htm>>. Acesso em: 20 set. 2011.
- NEVES, Aécio. *Mil dias*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1209201106.htm>>. Acesso em: 13 set. 2011.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- RANGEL, Sérgio. *Copa de 2014 terá 98,5% de dinheiro público*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/881803-copa-de-2014-tera-985-de-dinheiro-publico.shtml>>. Acesso em: 15 set. 2011.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RÜDIGER, Francisco. *Ciência Social Crítica e Pesquisa em Comunicação: Trajetória histórica e elementos de epistemologia*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SEABRA, Catia; COUTINHO, Filipe. *Proposta flexibiliza licitações*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1304201119.htm>>. Acesso em: 06 out. 2011.
- SILVA, Orlando. *Faremos a melhor Copa da história*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0204201108.htm>>. Acesso em: 09 out. 2011.
- TAMIL, Tatiana. *Macacos movem objetos virtuais com o pensamento, diz estudo*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,macacos-movem-objetos-virtuais-com-o-pensamento-diz-estudo,781673,0.htm>>. Acesso em: 05 out. 2011.
- WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1998.

